

REVISTA DE CABO VERDE

EDITOR RESPONSÁVEL

Abílio da Cruz Madeira

Director — L. LOFF DE VASCONCELLOS

S. Vicente de Cabo Verde

IMP. DE LIBANIO DA SILVA

R. do Norte, 91 — LISBOA

ASSIGNATURAS

De Junho proximo em diante (Pagamento adiantado)

PORTUGAL E ILHAS ADJACENTES

Anno..... 1\$200 — Semestre..... 700
Numero avulso..... 50

CABO VERDE, GUINÉ, ANGOLA E S. THOMÉ

Anno..... 2\$500 — Semestre..... 1\$400
Numero avulso..... 120

OUTRAS POSSESSÕES PORTUGUEZAS

Anno..... 2\$800 — Semestre..... 1\$700

ANNUNCIOS

Contracto especial

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Com este numero, terminam as assignaturas do 1.º semestre da *Revista de Cabo Verde*, e rogamos a todos os nossos assignantes, cujas assignaturas estejam ainda em atraso, a fineza de satisfazerem o seu debito.

O pagamento das assignaturas, segundo as nossas condições, devia e deve ser feito adiantadamente; mas infelizmente ainda existem muitas em divida, o que nos tem acarretado sérias dificuldades, pois a *Revista de Cabo Verde* só vive das assignaturas.

Não recebemos subsidio algum para esta publicação, e desde o momento que as irregularidades nos pagamentos, ou a insufficiencia do numero de assignantes, nos criem embaraços financeiros, immediatamente suspenderemos esta publicação, pois não é justo que se exija de nós mais do que aquillo que podemos dar: a nossa boa vontade e o trabalho em prol dos interesses de Cabo Verde.

Está, pois, da parte dos nossos assignantes o auxiliar-nos n'este empenho, se entenderem que temos sabido cumprir o nosso dever; e se, no juizo d'elles, o não temos feito, poderão manifestal-o agora, retirando as suas assignaturas para o 2.º semestre.

Não temos interesses pessoases a advogar, não aspiramos a honrarias e glorias, nem a colher louros, porque nem os merecemos, e nem mesmo que os merecessemos, os nossos compatriotas nol-os confeririam: ninguem é propheta em sua terra. Sabemol-o bem.

E, por isso, nada teriamos a perder, antes a lucrar, com tal manifestação.

Para servir a patria temo-nos sacrificado já bastante, sem nenhuma recompensa: para garantir uma situação conveniente, fomos procural-a ao estrangeiro, e nada esperamos de Cabo Verde, pois esta, e todas as nossas colonias, são para encher as algibeiras de certos metropolitanos que para cá nos mandam a sugar o sangue d'este pobre povo e para nos espesinhar, concedendo-se-lhes os melhores logares publicos, aproveitando-se os filhos de Cabo Verde sómente para os cargos não remunerados como os de vereadores municipi-

paes, regedores de parochia, cabos de policia, ou quando muito, para amanuenses d'algumas repartições ou para mestre-escolas, com 833 réis diarios, devendo em boa justiça e moralidade, estar muito dos filhos de Cabo Verde, a dirigir algumas das repartições e certos chefes passarem para porteiros.

Desculpem nos os Metropolitanos honestos e competentes este desabafo. Não nos referimos a elles: a capruça é para quem a ajustar.

*
*
*

A todos aquelles, pois, dos nossos assignantes que não queiram continuar a sê-lo, pedimos o favor de nos avisarem até o fim do proximo mez de julho, para tomarmos uma resolução, ficando entendido que consideraremos como consentimento de renovação de assignatura, para o 2.º semestre, a falta de tal aviso.

*
*
*

Aos nossos assignantes do interior da ilha de S. Thiago, não enviaremos para o 2.º semestre, a *Revista*, por não termos no interior d'essa ilha nenhum agente, para a cobrança.

O nosso obsequioso agente na cidade da Praia, sr. A. Arteaga, fica enca-regado de tomar essas assignaturas.

*
*
*

O nosso Editor em Lisboa, informou-nos á ultima hora que as photographias que tinhamos enviado para a illustração d'este numero, não estavam em boas condições para as respectivas photogravuras, e por isso, não podemos apresental-as, do que pedimos desculpas.

O DIRECTOR.

A ESQUADRA DE CERVERA EM S. VICENTE

A guerra hispano-americana veio abalar os creditos d'essa diplomacia que se dá ares de suprema reguladora do direito entre as nações cultas. É esse famoso concerto da consciencia internacional, que pretende fazer ouvir, sobre o ribombo brutal da Força, a voz serena do Direito, — submettida á prova d'essa questão que ensanguentou este horrído fechar do *seculo das luzes*, fracassou horrivelmente.

Rebentou a guerra e, aquella intervenção que da Civilização se esperava, — não á intervenção armada a favor d'um ou d'outro belligerante, senão a intervenção pacífica, energica, conciliadora, auctorisada, em nome da Humanidade, a fazer justiça sem effusão de sangue, — limitou-se a uns fronxos platonismos a favor da Hespanha, — da nobre Hespanha que levantou a luva de Mac-Kinley, não da selvagem Hespanha que sacrificou

Rizal e garrotou o espirito da Liberdade nas suas terras d'além mar,— e ao ridiculo furor com que a Inglaterra açulou o *yankee*, auxiliando-o não só com a força do seu appoio moral, como, talvez clandestinamente, com o appoio da sua força material.

Bastante poder tinham as nações da Europa para garantir a efficacia d'uma intervenção. E, dando a independencia a Cuba e ás Filipinas; mandando os americanos para casa a cuidar do engrandecimento pacifico da sua grande patria; fazendo retirar os hespanhoes para a peninsula, com a inteira licção d'uma experiencia a apontar-lhes o caminho da regeneração politica e economica da sua velha e gloriosa Hespanha,—o concerto das nações impôr-se-hia, lançando, talvez, as bases d'um tribunal internacional que, de vez, acabasse com essa selvageria de guerras entre nações civilisadas.

Nada se fez, porém, porque de sobre o ideal dos apóstolos da Paz, do Bem, da Verdade, do Amor e do Direito, esvoaçava o hediondo morcego do Egoismo dos praticos!

As causas d'essa guerra, os motivos que arremesaram o formidavel Jonathan, robustecido por uma sábia administração, por uma educação moral e physica de primeira ordem, contra a louca Hespanha, desagrada por uma longa e barbara lucta colonial, debilitada por uma pessima administração, corroida por um regimen sedição e completamente desautorizado, degenerada por um obsceno hysterismo theophobo,— não foram ainda atiradas á publicidade.

A mentira da libertação de dois povos jovens, garrotados pela brutal politica hespanhola, foi, infelizmente, uma comedia, cujo pessimo desempenho dos actos finais, não deixa sombra de illusão na alma de ninguem, e o emphatico *remember the Maine* não conseguiu passar d'uma lugubre mystificação, poeira aos olhos da consciencia publica, que apenas forneceu uma legenda bonita para os formidaveis legionarios americanos, e que, deante da verdade dos factos, porém,

não chegou sequer a ser discutida como causa real de tantas desgraças.

Um dia, a historia desnudará esta triste verdade. E, assim como a lenda do valor hespanhol se desvaneceu ás primeiras balas vomitadas pelos monstros d'aço da marinha americana, assim, a *blague* da generosidade *yankee* evaporar-se-ha á luz da verdade, semelhante a esses nevoeiros da madrugada que, aos primeiros raios do sol, se dissipam. E o heroico hespanhol d'outras eras, reduzido a esse miseravel esqueleto carcomido pela má carie do jesuitismo, hombreará com o desinteressado americano dentro das suas justas proporções de insaciavel descendente do roaz anglo-saxão.

A America para os americanos!

Que bellas palavras se, ao mesmo tempo e com os mesmos direitos, os labios que as pronunciam podessem tambem dizer:

As Filipinas para os filippinos!

Não acontece, porém, assim. Porque os americanos do grande Washington combatem o sublime Washington dos tagallos.

Eis a licção da historia!

O spectaculo deshumano do supplicio das duas escravas — Cuba e Filippinas. — irrita e decide o angulo *Uncle Sam*. E. como Gulliver em Lilliput, o homem da casaca estrellada, arremette mar em fóra.

Vae-se a Cuba, quebra-lhe os ferros odiosos,— a dominação hespanhola,— e põe-lhe um freio — a administração *yankee*.

Da escrava, azorragada todos os dias, torturada horripelmente, sustentada a hostias, flagellada a cilicios, faz, a livre America, a humanitaria America, uma besta de carga, bem tratada, nédia e magnificamente arreiada.

Em duas pernadas está em Manila, onde tem escangalhado aquella chavecada de Montojo. Salta em terra e, como Napoleão no Egypto, só lhe falta dizer que muda de religião para fazer a vontade a Aguinaldo!

FOLHETIM

AMORES D'UMA CREOLA

POR

ANTONIO DE ARTEAGA

Dois cavalleiros

Descemos á cidade pelo caminho em *zig-zag*, passamos proximo ao seminario e ao palacio do bispo; atravessamos o largo onde se ergue o pelourinho, ainda tinto de sangue d'alguma execução, cortemos proximo ao quartel da tropa e trem de artilheria. Ali chegados descobre-se, ao fundo de uma rua irregular, paralela á ribeira; uma igreja sob a invocação de Nossa Senhora do Rosario. Repicam os sinos e sahe uma procissão que se encaminha para a cathedral. Sigamos a multidão de fieis e entremos com ella no grande templo.

Apenas transporta a porta sente-se um ar gelido que se filtra por entre aquellas arcadas de cantaria. E' imponente o templo com os cinco altares e duas capellas cobertas de cirios. Ao fundo, na capella mór estava o bispo n'um throno, coberto de purpura, com a mitra e baculo, resplandescentes de ouro e pedrarias;— em baixo sentavam-se doze conegos, com as suas vestes negras e capúzes encarnados. No côro um grande órgão, com suas notas graves acompanhava o cantico da collegiada.

A harmonia de sons, o perfume do incenso e o repique dos sinos das tres igrejas e onze ermidas da capital, tornavam o acto solemne. Acabada a cerimonia religiosa, o povo dispersou e apenas no adro da cathedral ficaram tres personagens. Vejamos o que dizem.

— Thimoteo, exclamava um ancião, se Deus não ouvir as preces dos seus ministros, teremos um anno de fome. As chuvas já tardam, e o anno passado pouco choven.

— Não. Deus ha de permittir que sejam ouvidas as vossas supplicas, meu pae.

— Por noticias que tive do norte da ilha, meu bom amigo, parece que já ali tem chovido regularmente.

— Outro tanto não succede no littoral, e o sr. corregedor melhor o sabe do que eu.

— Effectivamente assim é. Não quero contestar que as coisas vão mal.

— Vamos para casa. Convido-o a almoçar comnosco, sr. Ramires. Tenho um negocio importante a resolver e preciso do seu conselho.

— Da melhor vontade.

Entregues a acalorada discussão, sobre as causas da escassez das chuvas, atravessaram a praça do Pelourinho, passaram pela ermida de Santo Antonio, e chegaram a um palacete de nobre apparencia, onde entraram. Era a residencia de Manuel Gomes, proprietario abastado e de muita representação. Subia-se ao

Em Hong-Kong, semanas antes, devia ter dito Dewey, o novo Farragut, a Aguinaldo, o moderno Themistocles:

— Somos irmãos! A livre America odeia a escravidão! Viva a republica tagalla!

O grande mulato, quicá, o devia ter acreditado até o dia em que a liberdade tagalla foi negociada por vinte milhões de dollars.

No dia 19 de abril de 1898, achavam-se fundeados no porto Grande de S. Vicente, os seguintes navios hespanhoes: cruzadores *Infanta Maria Theresza*, *Cristobal Colon*, *Almirante Oquendo* e *Viscaya*; transportes *Ciudad de Cadiz* e *San Francisco*; caça-torpedeiros *Furor*, *Pluton* e *Terror*, e torpedeiros *Rayo*, *Ariete* e *Azor*.

A 20, Mac-Kinley envia o *ultimatum* á Hespanha.

A 21, a esquadra do Atlantico recebe ordem de bloquear o porto da Havana e outros da ilha de Cuba.

A 26, dá-se a Dewey, chefe da esquadra asiatica, instrucção para atacar Manila.

A 27, soam os primeiros tiros. O *New-York*, *Puritan* e *Cincinnati* bombardeiam Matanzas. A's 2 horas da tarde Dewey proeja a Manila.

A 29, sahem de S. Vicente para o Sul, os quatro cruzadores e os tres caça-torpedeiros; e os transportes e torpedeiros largam para o Norte.

Dois dias depois, Dewey, *the hero of Manila*, entra em Cavite e incendeia os calhambeques de Montojo. Compunha-se a esquadra asiatica dos seguintes navios: *Olympia*, de 5 870 ton.; — *and there is no worthy antagonist for her in Spain's fleet*, — escrevia uma revista americana; *Boston*, de 3.000 ton.; *Baltimore*, de 4.443 ton.; *Concord*, de 4.710 ton.; *Petrel*, de 892 ton.; *Mc-Culloch* e mais dois transportes.

A esquadra de Montojo compunha-se do *Reina Christina*, o seu melhor navio, de 3.090 ton. e armado com velhos canhões *Hontoria* — *but her guns are of the old fashioned Hontoria design*. — diz a mesma revista; *Castilla*, navio de madeira, de 3.342 ton.; *Velusco*, de

1.139 ton.; *Don Juan de Austria*, de 1.152 ton., e uma duzia ou mais de antigas canhoneiras de madeira com velha e inutil artilheria.

Tonellagem total dos navios de Dewey, 19.098 ton.; dos de Montojo, 8.722 ton.

Our ships are modern, — continúa a mesma revista, — *and Spain's make a miscellaneous collection of steel, iron and wooden craft*.

A 13 de maio, o secretario Long recebe a seguinte communicação sobre a esquadra de Cervera:

Falsely reported last Tuesday to have returned to Cadiz — had been sighted to the westward of Martinique, Windward Island.

A 15:

Spain's Cape Verde Squadron, commanded by Admiral Cervera, is at or near the island of Curaçao.

Engarrafado em S. Thiago de Cuba, Cervera colloca-se na linha mantida por quasi todos os generaes hespanhoes que militaram n'essa guerra.

Hesita; ou obedecendo a ordens contradictorias, ou sob a perturbação de nada poder fazer com tão poucas forças.

Blanco, jura não sahir de Cuba; Toral, não entregar S. Thiago; Augustin, não arredar pé de Manila.

Mas todos sahem e todos chegam vivos a Hespanha, á excepção de Cadarso, de Villamil, de Lasaga e tantos outros que morreram sob a honra do seu valor militar.

N'essa guerra d'um pigmeu contra um colosso, só as temeridades, as imprudencias, as loucuras, podiam dar a victoria ao mais fraco.

Mas a Hespanha, ordinariamente tão temeraria, metten-se, *prudently*, em S. Thiago, não se aventurou a atacar onde podia vencer e perdeu tudo em duas cartadas.

Se Cervera, sahindo de S. Vicente, tivesse dobrado o Cabo e aroado a Manila, Dewey estava perdido. Vencedores em Manila, os hespanhoes cahiriam de

primeiro andar por uma escada de cantaria, e, entrando n'uma vasta e espaçosa varanda, encontrava-se ao fundo a casa de jantar.

Ali vamos, sentados á meza, travar conhecimento com Manuel Gomes, seu filho e o corregedor D. José Ramires do Couto, velhote que se dizia descendente da mais remota nobreza de Portugal.

— Agora um calice de cauna com o café, amigo Couto, dizia Manuel Gomes.

— Não rejeito. Sabe que aprecio o rum africano, e principalmente este, fabricado na sua propriedade.

— São elogios que não mereço. Thimoteo, pôdes retirar-te. Tenho de falar em particular com o sr. corregedor.

Apenas Thimoteo transpôz a porta, Manuel Gomes, sorvendo uma pitada, tossiu tres vezes, como quem se prepara para grande discurso.

— Amigo e sr. Couto. Thimoteo, meu filho, está quasi a completar 21 annos. Tenciono festejar esse dia e n'elle tratar, definitivamente, do seu casamento com a filha de Thomé da Veiga, casamento, entre nós de ha muito resolvido, porque com elle se reúnem dois importantes morgadios.

— Muito estimarei vêr brevemente realisada essa união.

— E eu ainda mais, porque receio alguma coisa. Tenho graves suspeitas de que Maria faz a côrte a outro.

— Como?

— Sim, esse tratante do Frederico de Mello, pretendendo captivar o amor de Maria. Depois de desperdiçar loucamente o patrimonio que lhe legou seu pae, pretende agora apossar-se de um importante morgadio e frustrar todos os meus planos.

— Mas Thomé da Veiga consente n'isso?

— Não. Elle nada sabe.

— Bem. N'esse caso, adquirida a certeza que Maria o ama, nada mais facil do que cortar o mal pela raiz. Os camilhos estão maus e pouco seguros. Frederico costuma andar de noite... Não sei se me entende.

— Ah! ah! ah! O sr. corregedor tem lembranças. Ora essa! Hei-de pensar n'isso, hei-de.

— Bem, eu retiro-me, amigo Gomes; até logo.

— Adeus, meu caro amigo, dizia Gomes, acompanhando-o até á porta. Adeus. Ah! ah! ah! O sr. corregedor tem lembranças!

O batuque¹

Na amena e agradável vivenda da Ribeira d'Antonia, notava-se grande animação. A lua surgia das montanhas para cá da Ribeira Grande.

(Continúa).

¹ Dança com canto popular dos indigenas.

improvisos sobre a California, onde não havia forças navaes que lhes resistissem.

Aos navios de Sampson e Schley, occupados no bloqueio de Cuba, era impossivel vencer o cabo Horn e acudir, a tempo, ao littoral do Pacifico.

E, quem sabe lá, se a face dos acontecimentos teria mudado.

A's 9 horas do dia 4 de julho, Cervera sabe ao encontro da morte, que esvoaçava sobre a embocadura de Cuba.

Em minutos tudo cahe. E essa tardia loucura, dá campo a uma serie de obscuros egoismos, de que os proprios americanos são insuspetas testemunhas. Foi um fracasso horrivel.

Eu chorei; não perante o spectaculo da Hespanha monarchica, escangalhada, porém deante da Hespanha historica anniquilada.

A Hespanha rompeu com o passado. Bem haja ella, se poder olhar de frente o futuro e vencer as difficuldades presentes.

A Hespanha não morreu: a voz do conde de las Almeidas tem ainda um rude accento hespanhol.

E. TAVARES.

A MUDANÇA DA CAPITAL

Vamos por pontos:

A questão é muito velha, de facto, mas não foi enterrada ainda.

Conveniencias que cumpre pôr de parte, porque são conveniencias particulares, não conveniencias politicas e economicas; calurrices que é necessario não tomar em linha de conta porque se revestem d'esse caracter dispeptico dos estomagados; defensores da capital na Praia; mesquinhezias que urge reduzir ás suas justas proporções, têm concorrido para que a capital esteja ainda na Praia.

A questão é velha, sim; mas não tem a gravidade da velhice. E' uma questão que ridiculisa tanto quem põe em duvida que S. Vicente seja mais sábia e movimentada que a Praia, como quem cahe a responder a taes dislates.

Já se não deve tomar em conta a questão da população.

Não é isso razão de pezo.

Que S. Vicente tenha mais mil ou menos mil habitantes que a Praia, nada influe na conveniencia de ser ou deixar de ser ali a capital.

Na salubridade, que é alguma cousa, é que o sr. A. se estatelou. Bilhosas e febres palustres não costumam apparecer senão em pontos escolhidos pela Natureza, em terras de eleição: na Praia, por exemplo, e em toda a parte onde os effluvios pútridos das estagnações fazem as delicias da economia animal de certa espécie anthropoforme.

Chega-se a habituar a tudo; até á horrivel transsudação das febres. A saburra, como o tabaco, pode tornar-se vicio e fazer falta. Voluptuosidades sudorificos. — Typhos, porém, meu caro senhor, ha-os no ponto mais salubre do mundo, apparecem nos paizes mais celebrados como benignidade de clima.

O *contrapeso* da variola, escarlatina e outras doenças epidemicas, que *assollam* S. Vicente, está nos casos do typho: irrespondivel por sabir dos limites das cousas sensatamente discutiveis.

São molestias que só entram nos formigueiros da actividade maritimo-commercial, n'essas terras que nunca

devem ser capitaes... por causa das doenças importadas!

Ou, quando absolutamente se quizer fazer d'ellas sêde dos governos, deve-se-lhes tirar a navegação, ou reduzi-la a termos convenientes; fazer d'ellas portos chinezes... por amor da salubridade publica.

Um exemplo: No outro dia os navios de Cuba não iam infeccionando New York?

Vejam lá que perigo! E se *mister* Mac-Kinley mais os seus ministros, secretarios e officiaes ali estivessem? Se New York fosse a capital? Vejam lá, que transtornos para uma terra, ter a navegação desenvolvida!

Movimento!

V. Ex.^a, meu caro senhor, mau grado meu, destampa-me a caixa de *siré* da galhofa.

Quando as cousas não têm seriedade e provocam o riso, que remedio senão rir-se a gente?

A Praia tem o seu mercado a contrapôr ao bulicio de S. Vicente.

Mais um *contrapeso*!

Em questão de movimentos temos dito. Por ouvir dizer, sei de certas cousas, que, na Praia, têm mais movimento... E' isso, porém, questão de temperamentos.

Depois, passa V. Ex.^a á cifra. Abi é que vae bater o ponto; na cifra. Passa a comprovar a superioridade da Praia pelo positivo dos algarismos.

Descobre que a importação da Praia em 1896 foi da importancia de 247:452\$710 réis e não 243:300\$290 réis, como astuciosamente se disse ahi no numero 5 da *Revista*; 4 contos e pico de differença. E da de S. Vicente, na mesma época, 1.212:703\$759 réis, — da qual, no numero acima citado, já se tinha deduzido 892:496\$310 réis do carvão, — saca V. Ex.^a, á conta de saccos e não sei que mais, 144:616\$765 réis, e de dinheiro 84:299\$630 réis; reduzindo a importação de S. Vicente á miseria de 175:590\$684 réis! Isso é que é semcerimonia em cercear os rendimentos publicos d'uma terra!

Ora diga-me V. Ex.^a uma cousa: A importação de carvão não será importação? Não é dinheiro que entra ali e que não pode absolutamente entrar na Praia onde não cabe tanta cousa? Na Praia a importação consistirá só n'aquillo que se come, na forragem?

Ora pelo amor de Deus, V. Ex.^a, quem quer que seja, faz-me pensar em cousas bastante exquistas a respeito dos amigos da Praia...

Passa a atravancar-me a cabeça com mais cifras.

Agora é sobre a exportação.

Esse trabalhinho é, indubitavelmente, de merecimento; não colhe, porém, como argumento.

Eu já sabia, (V. Ex.^a está-se a rir porque, tambem já sabia), e o publico não ignorava que S. Vicente não produz mais que ahi nos milhares de contos com que abarrota os cofres publicos.

Aposto que V. Ex.^a não é capaz de negar uma coisa: que, se não fosse S. Vicente a Thezouraria Geral andaria sempre de dieta rigorosa!

Negue lá isso por amor da coherencia com o resto do que diz.

O facto é que me fez suar por entre essa grande arrumação de algarismos.

Discutir com zeros, com estatisticas, com cousas positivas, dá isto: sua a gente e nada consegue.

Mais se preoccupa V. Ex.^a com a proveniencia dos 21 contos.

Meu caro senhor: uma vez que seja, esse dinheiro, um rendimento, nada mais é preciso. Não importa que sejam generos da Praia ou do ilhen Rombo; que seja grog ou guano. Se é da Praia, peor um pouco. Ella que manda para S. Vicente é que lhe não pode dar outro destino.

E' a tal cousa das riquezas mortas!

Em S. Vicente tudo vem de fóra, mas nada falta. Nada tem, mas, como pode, tudo manda vir. O que é ter importancia!

A Praia tem tudo e lá fica com tudo o que é d'ella porque ninguem lh'o vae comprar. Apodrece em cima, das suas couves, dos seus nabos, dos seus ovos... quando os não manda para S. Vicente, ou quando, lá de anno a anno, não apparece uma famosa esquadra do canal a devorar-lh'os.

E, por o que, a respeito de verduras, diz V. Ex.^a, parece que, onde houver mais pasto, é onde deve ser a capital?

Diga-me que não, para que eu não tenha que alimentar pensamentos estapafurdios a respeito de certo numero de cousas...

Diz-se-hia, ouvindo V. Ex.^a, que se trata de desenvolver creações.

Quando fallou das difficuldades da mudança da capital, palavra que me embatucou.

Com que então a mudança da capital requer estudos que se prendem com *altas questões economicas, administrativas e financeiras*?

Ora, eu estou em crer que V. Ex.^a não nos disse claramente as verdadeiras difficuldades que obstem a mudança da capital.

Se insistir muito commigo digo tudo para ahi. Mas ha de ser com insistencia.

Insista V. Ex.^a.

Pois V. Ex.^a ignorava ainda, que o clima exerce directa e nitida influencia sobre a actividade humana? Ou largou aquella de a burocracia, *a alta burocracia*, como V. Ex.^a diz com muita graça, *se illuminar mais em S. Vicente em razão da mudança d'ares*, por simples mangação?

Pois saiba que exerce.

O clima tem directa influencia sobre todas as funcções do organismo: desde a regularidade das segregações até á força das concepções; e, em certos paizes, o vidro de sal de fructos é tão indispensavel como o compendio de grammatica. Porque as perturbações andam do ventre para o cerebro e vive-versa.

Quer tambem provas d'isso?

Não dou, porque o pseudonymato pode occultar pessoa de minha amizade e consideração; e esse A. tanto pode ser *amigo*, o que deplorarei, como *asinorum* como que muito contente ficarei, senão muito honrado com a discussão.

Ali na Praia a *alta burocracia* sua muito; debilita-se, esvae-se, cõa-se, escangalha-se com duas febres e... ahi tem V. Ex.^a a origem da atrabillis chronica das alturas, cujas consequencias soffremol-as nós os subalternos.

«Tanto em contacto directo está um como outro ponto com a metropole».

E eu a questionar com V. Ex.^a fornecendo razões para V. Ex.^a me chamar tolo, e com muita razão!

Nada, nada. Sobre este ponto, nem mais uma palavra.

Consulte o movimento do porto.

Se fossem só aos soldados, ás peças e aos fortes que era dado vigiar os navios de guerra em caso de conflictos internacionaes, para que é que o sr. ministro conservon o sr. governador em S. Vicente durante a guerra hispano americana? Os soldados poderiam, d'um momento para outro, tomar as resoluções que só competem á responsabilidade e auctoridade dos governadores?

Ninguem pensa em augmentar o consumo de S. Vicente, com a ida para ali dos senhores altos funcionarios.

Tambem a mudança da capital não iria *completar o commercio* de S. Vicente.

Ella é uma questão de criterio publico, de intuição administrativa, de conveniencia politica.

Nem mais nem menos.

Então se se mudar a capital o elemento inglez desenvolver-se-ha e o indigena descrescerá?

É peregrino!

Nem ao diabo lembraria semelhante cousa. Lembrou, porém, a V. Ex.^a que, supponho, — principalmente pela argumentação, — não é nenhum diabo, posto que discorra *à la diable*.

«Finalmente (pergunta V. Ex.^a), que seria da pobre capital (S. Vicente) se por *uma evolução da sciencia das descobertas*, (! permita-me, entre parenthesis, esta admiraçãozinha) novos Papins, Watts e Fultons achassem um novissimo motor da navegação?

V. Ex.^a, que está em directa correspondencia com esses senhores da *sciencia das descobertas*, sabe que essa evolução está para breve, que está a arrebentar; dá-nos a entender isso; insinuaol-o; não nos diz, porém, de que natureza é o novo motor: se é coisa de expansão de gases, ou de dar ao pé, de pedalar; explico-me: se se passa agora a atravessar as vastas amplidões ondosas em bicycletas ou em balões transatlanticos. Quando esclarecer este ponto responderei.

«E depois de mudar a capital de novo para a Praia,» — conclue V. Ex.^a — pedindo se deixe ficar as cousas como estão para não nos arrependermos das *«nossas leviandades»*.

V. Ex.^a acabou por *leviandades*; isto é, acabou por onde começou.

Cumpra-me dizer-lhe que, se não é, precisamente, por isso que eu quero acabar, é, positivamente, com isso que convem acabar, não só em Cabo Verde, senão em todo o resto do mundo que vegeta á sombra do glorioso pendão das quinas.

Mais duas palavras:

Se, como ouço dizer, o sr. ministro da marinha olha com interesse para o desenvolvimento das colonias, deve immediatamente ordenar a mudança da capital para S. Vicente.

Os funebres cerzidores de desconchavos em favor da

Praia como capital, mais do que ninguém, estão convencidos da conveniencia publica d'essa mudança.

Quem deixa de ler os jornaes que dizem verdades, não pôde ser amigo da verdade; e, eis a razão por que tendo a convicção d'uma coisa, advogam outra.

Por ultimo um pedido:

Se a inicial A. occulta um amigo, peço perdão das durezas ditas no calor da discussão. A couraça d'amizade tel-as-ha embotado. Se, contrariamente, fôr um asno, (que não pôde ser um amigo, porque eu não tenho relações com semelhantes animaes), que se prepare para mais.

E. TAVARES.

QUESTÃO DE MASSAS...

O africano é incapaz de exercer qualquer cargo superior no ultramar.
(Sabedoria da nação).

No periodo bellicoso da minha mocidade (porque não é demais que se saiba que eu já vou com os meus bem puxados 31), dava-me, com impertinente frequencia, a quixotesca arremetida em prol da miseranda Dulcinea d'esta infeliz patria, tão assolada de estiagens e de gafanhotos; e, por vezes, sustentei, com toda a galhardia, com todo o ardor de indefesso patriota, assanhadas discussões com gente de muito espirito e de não menos copia de conhecimentos.

Lembra-me agora, e venho-a contar, uma que, d'uma vez, accendeu viva polemica entre mim e um official, já me não lembra de que arma, homem de muita cabeça, de muito pezo intellectual e que, por signal, fazia versos, até muito bem feitos, o que, verdade verdade, não acontece a toda a gente; o qual official, hoje, não sei para onde o tenha atirado a maré sempre *enchente* das pingues commissões ultramarinas.

Era homem muito verboso (e deve sel-o ainda, a não ser que lhe tenham dado mau olhado), espirito scintillante e engraçado, bem fallante e melhor posto de corpo, e possuia esse ar desempenado e mavorcio dos homens de guerra — *aspectus bellicus*¹ — que, em nós, cidadãos pacificos e medrosos, incute a inestimavel confiança que faz levar as noites d'um somno só, sem sustos quanto a perdas d'independencia, violação de territorios e saque de propriedades. Discorria com muito criterio, discutia com vigor e, ao cabo de cerrada fuzilaria de argumentos, conseguia, quasi sempre, arrastar o contendor á convicção d'aquillo que elle sustentava.

Era assumpto da nossa discussão a insufficiencia intellectual dos africanos; e — sem pejo o digo hoje, pois que é sabido que ninguém nasce com o saber — estava eu, então, muito convencido de que o crebrou do creoulo era conformado exactamente como o crebrou do branco; mais ainda: tinha até umas noções sobre o producto de cruzamento de raças que, muito limpamente, me levavam a acreditar em taes ou quaes superioridades moraes e physicas, do creoulo. Ora, estas doutrinas sobre a theoria biologica do cruzamento

de raças, tinha-as eu bebido (sirva-me isso de desculpa), em gazetas e livros que se fazem echo dos dislates e paradoxos que, todos os Sganarellos conhecidos, de Paris, Berlim, Londres, New-York e, tambem, de Lisboa, espalham, não cheguei ainda a apurar bem com que fim, que não seja esse da condemnavel vulgarisação de asneiras.

Depois, porém, de beber as doutrinas d'esse filho de Marte, tão saturado de sabenças anthropologicas (como diria o meu amigo Freitas de Miranda), tomei melhor orientação e deixei de ter em muito boa conta os axiomas scientificos d'esses pelotiqueiros que arrastam meio mundo após a luminosa irradiação dos seus crebros.

Travámos, pois, n'esse dia, rude polemica. Eu, já se vê, guiado por más leituras, como já confessei, estribado na negregada theoria do cruzamento de raças e não sei que mais sêdiças razões scientificas, sustentava a pés juntos, que o creoulo, se não tinha mais afinadas faculdades moraes, devia, pelo menos, ter o crebrou tal qualmente os da metropole. E, com tal ou qual emphase ressumbrada de vaidade, passava em revista os creoulos illustres Honorio Pereira Barreto, os dois Dumas francezes, José do Patrocinio, Duarte da Silva, Gonçalves Crespo, Libanio Gomes Gregorio e outros tantos. Contrariamente, o meu contendor affirmava que aos creoulos, isto é, á raça negra ou acastanhada, em geral, escasseiavam aptidões intellectuaes, mercê d'aquella rudimentar structura encephalica que a colloca n'uma como que transição de macaco para homem.

E, darwinista feroso, passou a desenrolar os seus ponderativos argumentos com tal vigor de dialectica, com tal elevação de pensamento, com tal justeza de criterio, com tal eloquencia, emfim, que dir-se-hia que aquelle homem, como Demosthenes, se acostumára a fallar ás procellas com a bocca cheia de calhaus.

Aturdido, levado de vencida, batido em toda a linha, cahi, escabujando nos meus derradeiros recursos d'argumentação, queimando os meus ultimos cartuchos, até que, convido, o meu contendor me deu o golpe de misericordia, do qual me hei de sempre lembrar, como o personagem de E. Sue, nos *Mysterius de Paris*, dos celebres murros do fim:

— Não é preciso mais nada: é ver-se quantos grandes homens tem sabido das universidades europeas e comparal-os aos que as escolas cabo-verdeanas, ou mesmo de toda a Africa, têm produzido. O creoulo, meu caro senhor, desengane-se: é, evidentemente, acéphalo!

... Estava eu, n'esse momento, ao desfechar d'esses ultimos tiros, estrebuchando nos ultimos arrancos, já sem sensibilidade, já a chamar a barca de Charonte; a sentença final, porém, galvanizou-me e, instinctivamente, levei a mão á cabeça.

— Ah! mas então, e este enorme volume que me pesa sobre os hombros? (Porque cabe dizer, para maior clareza, que, em Cabo Verde, ha tres cabeças celebres: a minha e as de dois respeitaveis amigos meus da Praia).

— Isso — tornou, todo n'um sorriso de piedade — é o continente; que é do contheúdo, porém? que é da massa?

Cahi fulminado. Effectivamente o que nos falta, a nós creoulos, é massa...

¹ O latim é do meu respeitavel amigo T. Gomes Affonso.

Proposta de um novo horário e Itinerário dos vapores

DA

EMPRESA NACIONAL—CABO-VERDE E GUINÉ

Sendo a navegação interinsular e das colónias vizinhas com a metrópole, o instrumento mais adequado à propaganda commercial, à colonização e ao progresso da Provincia, todos nós devêmos pugnar pela regularidade, conveniencia e efficacia dos respectivos itinerários e serviço marítimo.

Por isso, tendo nós estudado e consultado pessoas competentes, e sobretudo experientes na Provincia, elaborámos o seguinte projecto, que sujeitámos a análise da critica imparcial dos homens de bom senso e animados mais do interesse geral do que de egoístas considerações particulares. Discutido, que seja o projecto, o nosso ex.^{mo} directór não deixará decerto de tomár a peilo uma representação, pedindo se modifique o actual itinerário, que é simplesmente uma prova de completa ausencia de conhecimentos a respeito das viagens interinsulares e das conveniencias geraes da Provincia, senão tambem da própria Empresa.

NOVO ITINERARIO PROPOSTO

O MELHOR PARA CABO VERDE E GUINÉ

Viagem circulatoria bi-mensal

(Com duas saídas de Lisboa, em 2 e 15 de cada mez. Aperfeiçoamento do antigo que agradava a todos).

Lisboa — Cabo Verde — Guiné — Lisboa					Lisboa — Guiné — Cabo Verde — Lisboa				
Portos	Chegada		Sahida		Portos	Chegada		Sahida	
	Dia	Hora	Dia	Hora		Dia	Hora	Dia	Hora
Lisboa.....	—	—	2	3 tarde.	Lisboa.....	—	—	15	3 tarde.
Praia.....	9	6 tarde.	10	9 noite.	Bolama.....	23	9 manhã.	24	1 tarde.
Santo Antão.....	11	6 manhã.	11	3 tarde.	Bissau.....	24	3 tarde.	25	11 manhã.
S. Vicente.....	11	6 tarde.	14	9 manhã.	Bolama.....	25	3 tarde.	26	3 tarde.
Santo Antão.....	14	Meio dia.	14	9 noite.	Praia.....	29	6 manhã.	29	10 noite.
S. Nicolau.....	15	6 manhã.	15	9 noite.	Brava.....	30	6 manhã.	30	Meio dia.
Sal.....	16	6 manhã.	16	11 manhã.	Fogo.....	30	1 tarde.	30	8 noite.
Boa Vista.....	16	2 tarde.	16	9 noite.	Tarrafal.....	1	6 manhã.	1	Meio dia.
Maio.....	17	5 manhã.	17	10 manhã.	Praia.....	1	4 tarde.	2	1 tarde.
Praia.....	17	Meio dia.	17	10 noite.	Maio.....	2	4 tarde.	2	9 noite.
Fogo.....	18	6 manhã.	18	1 tarde.	Boa Vista.....	3	6 manhã.	3	1 tarde.
Brava.....	18	2 tarde.	18	8 noite.	Sal.....	3	4 tarde.	3	9 noite.
Tarrafal.....	19	6 manhã.	19	Meio dia.	S. Nicolau.....	4	5 manhã.	4	9 noite.
Bissau.....	22	9 manhã.	23	1 tarde.	S. Vicente.....	5	5 manhã.	6	6 manhã.
Bolama.....	23	3 tarde.	24	3 tarde.	Santo Antão.....	6	9 manhã.	6	10 noite.
Lisboa.....	1	9 manhã.	—	—	Lisboa.....	14	9 manhã.	—	—

Vantagens immediatas do Itinerario propôsto

1.^a — As horas de viagem correspondem á distancia dos portos, ao estado provavel do mar, á difficuldade das entradas nalguns portos e principalmente na Guiné, onde é perigoso viajar de noite.

2.^a — Attende-se á distancia e á difficuldade dos transportes do interior das ilhas para os respectivos portos.

3.^a — Attende-se á importancia real da ilha de Santo Antão, a 2.^a da Provincia, e que, por seu desenvolvimento commercial, não deve ter menos, de dois vapores mensaes, com a sufficiente demora, para carga e descarga, tendo sido esta, a ilha mais prejudicada no actual itinerario.

4.^a — Com a viagem circulatoria (á imitação dos Açores), a Guiné fica melhor servida, podendo haver cargas e passageiros entre Bolama e Bissau, uma vez por mez, o que é de grande importancia local.

Na Guiné ficará havendo um *entroncamento* dos vapores, ascendente e descendente, com o tempo sufficiente para a troca de cargas e correspondencias entre os dois vapores, na capital daquella Provincia a cidade de Bolama, o que é convenientissimo.

5.^a — Com ligeira alteração nos itinerarios dos vapores do Sul (Angola), poderá haver em São Vicente

outro *entroncamento*, entre os paquetes do Sul e os do Norte, chegando estes em 12 e aquelles em 6, um dia depois da chegada do paquete provincial a São Vicente; — o que estabeleceria uma nova communicação directa entre Cabo-Verde e Lisboa, com vantagem para os passageiros.

6.^a — Ficarião melhor calculadas as viagens, pois, entre outros erros, o novo itinerário dá 5 horas entre São Vicente e Santo Antão (23 milhas, a 10 por hora), e 3 horas entre brava e Fogo (9 milhas!...)

Pelo actual itinerário official o *ultimo* ponto da escala é Santo Antão, que fica distanciado 24 dias de Lisboa (29 a 22!...); pelo velho, o *ultimo* ponto, que era Bolama, distanciava-se apenas 17 dias de Lisboa (de 6 a 22!!!) Bissau e Santo Antão tinham dois vapores mensaes e agora ficarão somente com um, sem tempo para carga e descarga, e sendo estas duas ilhas de evidente importancia commercial.

Conven, pois, alterar com urgencia a actual tabella, que não parece aproveitar nem á própria Empresa Nacional, tão feuda já do nosso commercio.

Se para nada servirem as nossas observações, teremos todavia o prazer de haver cumprido um dever.

Maio de 1899.

P.^o ANTONIO DA COSTA.

ARBORISAÇÃO

Ha nas emanações da terra uma especie de bondade e de saude moral, que se communica aquelles que a amam e cultivam.

(*Jornal dos Deputados*).

Continuando no nosso empenho de propaganda attinente á arboricultura do archipelago Caboverdeano — patria nossa muito amada — offerecemos uma idéa, que decerto auxiliará os que se empenharem em labores agricolas da provincia. E' a de o governo estabelecer uma secção agricola, adjuncta á secretaria geral, sob a presidencia do respectivo secretario, tendo como membros o agronomo, o pharmaceutico de 1.^a classe, quatro dos principaes e mais intelligentes agricultores da ilha de S. Thiago e um amanuense do quadro da mesma secretaria, sendo uma das suas principaes obrigações chamar os esforços individuaes dos lavradores que se prestem a concorrer com os seus conhecimentos, adquiridos pela pratica e estudo das cousas da agricultura, a fim de tornar conhecidos os recursos a utilizar-se para o desenvolvimento da nossa maior riqueza; aceitar os alvitres ou noticias dos agricultores sobre os diversos productos, trabalhos e ensaios agricolas que lhes pareçam convenientes tornar conhecidos; publicar mensalmente no boletim official, o que houver de aproveitavel nas suas exposições e noticias sobre os modernos systemas a adoptar-se de exploração agricola; adquirir e distribuir sementes e novos exemplares de vegetação; propôr ao governo premios aos agricultores que se distinguirem na arborisação; informar ao mesmo da falta de cumprimento de deveres dos administradores dos concelhos, aos quaes será commettida a obrigação de informar circumstanciadamente, no fim de cada mez, sobre tudo quanto respeite a arborisação; crear sub-secções agricolas em todas as ilhas do archipelago, fazendo-o sciente dos emphyteutas refractarios ás obrigações consignadas nas leis, a fim de lhes serem impostas as penas respectivas; e finalmente, informar e propôr ao governo tudo quanto possa auxiliar, proteger e premiar os esforços dos agricultores.

Todavia é certo que, para o Governo se desempenhar com proficuidade d'este importantissimo ramo de riqueza, é indispensavel uma energica união de esforços de todos os filhos da provincia. E estamos convictos que, compenetrados todos dos resultados que houver a colher, nenhum deixará de concorrer para tão grande causa, attentas as consequencias lamentaveis d'essas crises alimenticias, que, de tempos a tempos, flagellam o docil e bondoso povo caboverdeano.

Seja, pois, a nossa divisa o estudo e o trabalho, mas o trabalho activo e util.

E' tempo de despertarmos; olhemos séria e persistentemente para a nossa agricultura. Tentâmos sempre em vista a escolha das arvores que os deuses do Olympo quizeram tomar sob a sua tutela, como diz um dos mais intelligentes filhos da India, sr. Bernardo Francisco da Costa: — Jupiter escolheu o cavallo, Venus a murta, Phebo o loureiro, Cybeles o pinheiro e Hercules o choupo; porém, Minerva, admirando-se de que houvessem escolhido vegetaes estereis, perguntou a causa a Jupiter, e este lhe respondeu que era pôr honra a que não queriam que se parecesse ligar qualquer proveito. Minerva, replicou que tomâra para si a oliveira, principalmente por causa do seu fructo, que a todos elles era tão agradável. O' filha,

exclamou Jupiter, com razão vos têm por a mais sabida, pois é vã a gloria que se não funda em coisa util.

Encostemo-nos á mythologia, e procuremos as arvores mais remuneradoras, como seja o coqueiro, denominado *Rei dos vegetaes*, para algumas das ilhas.

E' certo o elogio que d'elle faz Mr. E. L. Maont: «O homem encontra, n'este precioso vegetal, com que provêr a todas as suas necessidades; o espique, as folhas, as fibras lenhosas, o fructo, tudo concorre a abrigal-o, a embriagal-o, a vestil-o, a illuminal-o, a aquecel-o, a transportal-o sobre os mares, a alimental-o, a desalteral-o, e a cural-o de suas molestias.»

Finalmente, com o que sabe da palmeira, segundo fôra escripto por um dos reverendos padres da Companhia de Jesus — sobre a arte palmarica — se pôde pôr no mar uma embarcação á vela, com todo o necessario de casco, mastros, vergas, cordas, amarras, agua, vinho, azeite, vinagre, mantimento e dôce. E por todas estas razões se pôde, com toda a verdade e sem encarecimento, dizer da palmeira, que leva a palma a todas as mais arvores.

Cumpre, porém, tomar o mais circumspecto cuidado no modo de se recolher os côcos para semente; do tempo e modo como se hão de plantar as palmeirinhas tiradas do viveiro; do modo como se deve proceder á rega das palmeiras; da qualidade do terreno em que se teve de fazer as plantações; da distancia que as palmeirinhas lião de ter entre si; do modo como os viveiros se devem dispôr e em que epoca; do modo como se deve fazer o entulho dos palmares; do modo de os cinzar e qual a cinza que se deve empregar, e ainda nas demais explicações constantes no *Agricultor Indiano — Manual Pratico*, por o sr. Bernardo Francisco da Costa.

Attendam os nossos conterrâneos ao que auctorisados escriptores francezes dão aos seus compatriotas no *Livre de la ferme*, publicado sob a direcção de Mr. P. Joigneux:

«Tem-se visto homens nascidos e educados nas cidades, romperem de repente com os habitos de toda a sua vida, irem ao campo, entregarem-se aos trabalhos rudes da lavoura e virem a ser, pelo andar do tempo, lavradores muito habéis. Conhecemos d'esses homens, mas é forçoso confessar que são bem raros. O numero dos habitantes das cidades que invejam a vida campestre, é seguramente consideravel e nós os comprehendemos. A' maior parte falta-lhes o ar, o sol, o espaço; e depois, seja qual fôr a sua posição, sobem todos uma infinidade de sujeições desagradaveis. Elles não se pertencem a si mesmos, pertencem a uma clientella qualquer: de doentes o medico, de pleiteadores o advogado, de compradores o commerciante; clientella que cumpre aturar e acariciar. Os funcionarios publicos têm deveres a cumprir a horas fixas. E', pois, bem natural que elles exaltem a condição do lavrador, d'aquelle, bem entendido, que não é vassallo de ninguem, nem mesmo do consumidor; d'aquelle que não tem ordens a receber, nem horas marcadas; que não tem sorrisos a impôr-se, fingidas cortezias a prodigalisar, nehumas rendas ou rebates a pagar. Esse tem os braços livres, as noites cheias, o melhor ar em todo o tempo, o gorgeio das aves, lindas paizagens e espaço amplo.

.....
Não podemos nem devemos vêr o campo aavez de um vidro de augmento, á maneira d'esses afortunados que se escapam da cidade, uma vez por semana, para buscarem a relva verde, a sombra sob as folhas, as borboletas sobre as flôres e as perdizes nas restevas. Devemos e queremos vêr a classe do camponez assim

no verão como no inverno, na vida e na morte, na alegria e na tristeza, no que é dóce e no que é arduo, quando sereno e quando atormentado, quando radiante de promessas e quando esmagado pelas decepções.

A profissão de lavrador exige grande actividade. O tempo é dinheiro; é mister não desperdiçal o. Cumpre que o chefe da casa seja o primeiro a pôr se de pé e o ultimo a deitar-se.

O cultivador deve pôr certa ordem nas idéas e nos trabalhos. Antes de emprehender uma exploração, deve estudar o que vale a terra, o que produzirá e por onde irão os productos.

Deve-se estar a meia distancia da rotina e da temeridade. Aquelles que se obstinam em não se moverem, são tão desarrasoados como aquelles que querem marchar muito depressa. Desejamos o progresso gradual, incessante, mas por pequenas jornadas; desejamo-lo, porque o lavrador não deve ser condemnado á immobillidade quando tudo se move em volta d'elle, e tambem porque devemos necessariamente elevar os nossos recursos ao nivel das nossas precisões. Ora, ellas não são hoje o que foram outr'ora; a gente veste-se melhor e carece de mais instrucção do que nos tempos passados. Gasta-se por consequencia mais, e, para fazer face a estas despezas novas, é forçoso produzir mais do que o não faziam nossos paes, e empregar para esse fim meios novos.»

Quem quizer, pois, dedicar-se, de alma, ao bem da nossa provincia, deve tratar de vulgarisar todos os principios scientificos que se correlacionem com os progressos da agricultura; aproveitar todos os conselhos que os bons cultivadores dão; desenvolver o conhecimento pratico da agronomia e secundar, finalmente, o governo nos seus intuitos de desenvolvimento da arborisação.

Brava.

PEDRO ROGERIO LEITE.

A VIDA DE PORTUGAL E SUAS COLONIAS

(Continuado do n.º 7)

Se ainda fôr preciso, venda-se Moçambique e salvemos a India, Macau, Cabo Verde, S. Thomé e Angola; paguemos ao estrangeiro, libertemos a patria da afrenta e do baixame por que está passando, e tratemos seriamente de desenvolver o muito que ainda nos fica, que ainda seremos grandes na Europa. Só Angola, bem tratada, será a riqueza de Portugal; é um grande imperio, o que lhe falta é vida.

O patriotismo não está só na accusação dos que praticaram o mal, está mais nos meios a applicar para salvar da ruina, da desgraça e da morte, a nação offendida. Mas os nossos politicos, muitas vezes para fazer guerra a este ou áquelle governo, vão para os seus jornaes dizer ao povo: *aqui d'el-rei* que estamos roubados; este governo, aquelle mau ministro não tem patriotismo, quer-nos vender o que possuímos no ultramar, estamos perdidos, já o contracto está feito com a Inglaterra, com a França, com a Allemanha; aquelle embaixador está feito com os compradores, porque recebe *lvas*, porque fica rico.

Levantam assim o alarme, para que o povo, o carneiro que vae para onde o levam, os auxilie na queda do governo que desejam substituir. Cabe o tal governo, para evitar muitas vezes a ira do povo mal aconselhado, lá sobem os que lhe fizeram guerra com a bocca fechada, a seguir a mesma rotina dos seus

antagonistas; porém, os que descem, por ambição, vaidade, orgulho de poder e interesse, principiam a dizer a mesma coisa que disseram os seus derrubadores.

E assim tem sido a campanha dos nossos politicos: sahe tu, que quero entrar en; e é n'isto que está o patriotismo dos paças.

Infeliz nação, que tens sido alimentadora d'uma politica nefasta, que só te tem dado baixaza e descredito, a ponto de estares em risco de perder a tua independencia e a liberdade, pela qual derramaste tanto sangue.

Levanta, nação historica, heroica dos mares, conquistadora dos sultões e pelejante da guerra, esse brio que tinhas outr'ora, essa respeitabilidade que te davam as nações do mundo, por direito conquistado no mar e na terra; expulsa do teu seio os vermes que te corróem a existencia, não esperes pela mudança, pelos remedios sem litigio, porque então te perderás como se perderam a antiga Roma e Athenas; a historia da desgraça deve ser tua conselheira, e a da heroicidade tua companheira.

A justiça d'out'ora e os erros do presente

Os governadores das provincias ultramarinas são hoje pessoas indiscutíveis, com um poder quasi absoluto, que está fóra da carta constitucional da monarchia.

Os governadores das provincias colonias tem debaixo da sua direcção todos os poderes publicos do ultramar, tornando-se impossivel um só homem, uma só intelligencia resolver com acerto todos os assumptos de todos os poderes que lhes estão confiados.

Não imos tratar de fazer accusações a este ou áquelle governador, o que vamos tratar é da má organisação, em que se encontram os poderes publicos d'aquem mar, e da isenção do poder da justiça, que disfructam os altos funcionarios das colonias.

Sabemos que tem havido governadores dignos e honestos, mas o que elles não podem é ter tempo para estudar e ducidir todos os negocios d'um governo, que comprehende o d'uma monarchia ou d'uma republica.

—Dividir os governos do ultramar em civis e militares, reclama o a razão, a justiça dos povos, o bom criterio da administração, enfim, o progresso da organisação social, e depois da divisão convenientemente organisação, tornar os seus chefes responsaveis pelos seus actos, como outr'ora se fazia, quando a justiça era applicada tanto ao grande, como ao pequeno.

Os governadores n'outro tempo eram syndicados e castigados, como qualquer outra auctoridade, e assim estavam debaixo do poder da justiça, para os julgar como criminosos, ou absolvel-os como innocentes.

Porque seria que se retirou essa lei, que permitia as syndicancias dos governadores? Talvez fosse para os tornar mais despoticos, e com mais licença para praticarem todos os desatinos, todas as vianganças, e até crimes de lesa-patria e de lesa-governança?

A não ser para isso, não sabemos outro fim. — Se houvesse a responsabilidade criminal dos governadores, não haveria em Portugal tantos pretendentes para arranjar taes logares: viriam n'esse caso só os homens bem intencionados, para cumprir honradamente o seu mister, porque os insignificantes em intelligencia, e os corruptos em costumes, teriam receio de vir, tomando a responsabilidade dos seus actos e a punição dos seus erros.

E para provar que outr'ora havia mais zelo, mais re-

paro pela justiça dos povos das colonias, vamos transcrever um alvará da rainha D. Maria I—Eil o:

«Eu Rainha—Faço saber aos que este alvará virem, que tendo chegado á minha presença repetidas queixas do irregular e desordenado comportamento dos governadores e capitães-generaes, estabelecendo elles mesmo de sua propria auctoridade, para si e para os outros, maiores ordenados, que os que lhes eram destinados; conferindo em creados e familiares seus officios de justiça e fazenda; e provendo por um inveterado abuso, não só os ditos officios, mas os governos, capitánias-môres, e outros logares semelhantes, por donativos e peitas, ou em quem mais lhe dava por elles; acceitando, ou procurando que se lhe dessem importantes sommas de dinheiro e precipitando-se em consequencia d'ellas nos maiores abusos, em favor de quem as recebiam, entrando em negociações mercantis por si e por interpostas pessoas, com dinheiros seus proprios, e até com os da minha real fazenda, não havendo meio algum que não escogitasse para extorquir o cabedal alheio, e engrossar o seu, chegando a sua inexaurível cobiça a tal extremo, que ao mesmo tempo, em que os ditos governadores me representavam aquelles dominios, e os seus habitantes reduzidos á maior penuria, e á mais deploravel situação, elles mesmo, dentro de brevissimo tempo do seu governo, appareciam em pouco tempo señhores de importantes cabedaes, que em seus nomes e de terceiras pessoas, remetiam para fóra, e empregavam no commercio, antecipando-se lhes a morte se patenteavam nos consideraveis espolios; e mandando examinar a origem de uma novidade tão inesperada, como a de se adquirirem em um paiz que se lhe representava totalmente exaurido d'ellas, lhes foi presente, que toda a origem procedia de haverem os ditos governadores pervertido toda a ordem regular de aquelle governo, o qual tendo-se estabelecido para vantagem da minha corôa, e beneficios e prosperidade dos meus vassallos, os mesmos governadores o tinham reduzido a um governo inteiramente venal, que só servia aos seus proprios e particulares interesses; e devendo accorrer a esta perniciosa relaxação: Ordeno que todo o governador, que sem ordem minha se fizer pagar maiores ordenados d'aquelles que se lhe tenha estabelecido, ou que os mandar pagar a outrem com acrescimo, ou que os estabelecer de novo a favor de algum particular, pague pelos seus proprios, e na falta d'elles pela sua fazenda em tresp dobro tudo o que tiver sobrado, ou mandado pagar de mais: Ordeno, outro sim, que todo o governador, que conferir em criado seu, ou pessoa da sua familia, algum officio de justiça, de fazenda, ou d'outra qualquer repartição, fique obrigado a pagar pelos seus bens e rendas, ou pelos seus ordenados, e na falta d'ellas o tresp dobro do valor que o provido tiver sobrado de todo o rendimento do dito officio, indemnisar e resarcir igualmente ás perdas e danos que o mesmo provido tiver causado á minha real fazenda, ou ainda ás dos particulares.

«Item, ordeno que todo o governador, que conferindo alguns dos sobreditos officios, governos, capitánias môres ou outros logares semelhantes, por qualquer outra concessão, provimento, graça, ou mercê de qualquer qualidade que seja, receber donativo, premio ou presente, ainda debaixo do pretexto de ser gratuitamente dado, incorra na pena de confiscação de todos os seus bens, além das mais que reservo ao meu real arbitrio.

«Ultimamente ordeno que todo o governador, que por si ou por interposta pessoa fizer algum commercio com cabedaes seus proprios ou alheios, ou que directa

ou indirectamente em sociedade, ou sem ella em parte, tomando interesse em algum negocio mercantil; além da confiscação dos bens, em qualquer parte em que se achar, seja logo expulso do dito governo, com inhabilidade perpetua, para nunca mais servir cargo algum, nem poder requerer despachos dos seus serviços; e sendo militar perca, além do referido, o posto que tiver, ficando com a mesma inhabilidade perpetua, para outros quaesquer postos militares.

«Constando me da mesma sorte que os ouvidores geraes, cegos d'um igual interesse, se tem deslizado nas mesmas ou em semelhantes prevaricações: ordeno que todo aquelle dos ditos ouvidores, que por qualquer despacho, ou sentença, ainda que seja justa, e legalmente dada, ou por outro algum motivo, qualquer que seja, exigir, ou receber das partes, ou ainda de pessoas que o não forem, algum donativo, offerta, ou presente, ainda debaixo do pretexto de ser voluntariamente, ou que pelo trabalho e braçagens, que lhe são devidas nas repartições de que se acharem incumbidos, pertender ou levar maiores emolumentos, ou outro beneficio ou compensação além d'aquella que lhe é permitida pelo seu regimento, ou que dos cofres pertencentes á minha real fazenda, ou aos particulares, principalmente aos orphãos, defuntos e ausentes, extrahir ou desviar alguma porção de dinheiro, ou cousa que o valha, ainda sendo por emprestimo, ou que directa ou indirectamente, em sociedade ou sem ella, por si ou interposta pessoa, ou dentro de qualquer modo fizer algum commercio, ou se interessar em negocios mercantis, incorra na pena de confiscação de todos os seus bens, em qualquer parte aonde se acharem, seja riscado do meu real serviço, e fique inhabil para nunca mais poder entrar n'elle.

«De toda a importancia em que montar cada uma das sobreditas confiscações, ou seja de qualquer dos governadores, ou dos ouvidores geraes, pertencerá metade á minha real fazenda, e a outra metade ao denunciante; não havendo, porém, denunciante, tudo ficará incorporado na minha corôa, e para que mais facilmente se possam descobrir os culpados por meios de denuncias, permitto que ellas se possam fazer em segredo, dirigindo se em direitura, ou por via dos governadores, ou por qualquer modo, que aos denunciantes lhes parecer mais commodo e seguro, á secretaria do estado de negocios da marinha e dominios ultramarinos, na qual os seus nomes ficarão debaixo d'um inviolavel segredo; e debaixo do mesmo segredo se mandarão embolsar do que lhes pertencer, em consequencias das sobreditas confiscações. — Pelo que — mando á mesa do desembargo do paço, presidente do meu real erario, conselhos da minha real fazenda, desembargadores, ouvidores, juizes e mais ministros e pessoas a quem o conhecimento d'esta pertencer, o cumpram, guardem e façam guardar e cumprir, tão inteiramente como n'elle se contém; não obstante quaesquer leis, regimentos, ou estylos em contrario. — Dados no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 14 de abril de 1783. Com a assignatura da rainha e do ministro.»

Ahi fica transcripto um alvará regio de justiça e moralidade, que pune com toda a dignidade real os que abusam da sua auctoridade.

A rainha D. Maria I, de gloriosa memoria, era austera para com os funcionarios d'alta gerarchia, que exerciam no ultramar as funcções publicas; para aquella virtuosa rainha não havia subornos nem fraqueza de governar, o seu poder modificador não se prendia com o poder dos seus ministros.

Era uma mulher, é verdade, mas não trepidava diante de qualquer reacção politica, porque, junto á sua coragem, estava a justiça dos seus actos e a cl. mencia do seu coração; os factos o dizem e a historia o confirma.

Narremos uma acção da gloriosa rainha, que a tornou tão justiceira como piedosa, em tempos absolutos, quando o poder real era temido e horroroso, pelo sangue e pela morte; a vida do cidadão dependia da má ou boa vontade do monarcha, n'elle estavam encerrados todos os poderes da sua constituição.

(Continúa)

BORLIDO MARTINS.

A CRISE DE CABO VERDE

Estado agricola, commercial e financeiro — Causas de sua decadencia — Providencias

O archipelago de Cabo Verde, com um solo feracissimo na maioria de suas ilhas, estaciona, entorpece e decêe

Attribue se este estado de coisas, principalmente e com razão, ás crises periodicas por que elle passa, com a irregularidade, escassez ou falta absoluta de chuvas. Este factor é o que todos vêem, o que se apresenta mais claramente á investigação menos escrupulosa; mas outros males se reuñem a este para o agravar.

A provincia não pôde dizer-se que registasse periodos aureos, mas teve-os relativamente prosperos, quando os seus productos, não encontrando pees nos mercados importadores, ali se valorisavam.

Uns baixaram de valor porque o progresso na sua evolução, abrangendo tudo, attingiu tambem a agricultura e a industria, e em Cabo Verde, não se seguindo essa evolução, depreciou se o seu valor; outros havendo sido completamente postos de parte, pela descoberta de nova materia prima para as manufacturas a que se destinavam, não foram substituidos.

Está no primeiro caso o açúcar que tendo tido uma elevada exportação, hoje se acha resumida e quasi anulada; no segundo a semente de purgueira que havendo attingido o valor de 32\$000 réis a tonelada hoje se compra a 19 e 20\$000 réis.

E porque não procuraram aperfeçoar o fabrico do assucar? E porque não trataram da cultura do algodão, para compen-sar a baixa da purgueira?

Porque é difficil arrancar os habitantes de Cabo Verde á velha rotina, porque viram seus avós e seus paes cultivar a canna saccharina, a batata e a mandioca, não podem nem querem comprehender que outra coisa produza este solo.

E ao lado da rotina ha a falta de instrucção, ha a falta da escola a enraizar mais velhos preconceitos.

Apresenta-se como primeiro factor a falta de chuvas no archipelago, certamente, um grande mal.

Mas que tem feito a iniciativa governativa e particular para o debellar?

No periodo que medeia entre o terrivel exemplo da fome de 1864 até ás crises que nos ultimos tres annos se têm succedido, depauperando os cofres da provincia e inutilizando os esforços e a boa vontade de uma parte dos agricultores, o que se fez?

Não ha um unico estudo serio a que possâmos recorrer. A meteorologia da provincia nada nos diz de positivo. Ha quem attribua á corrente do *Gulf Stream*, que passa no archipelago, as irregularidades meteorologicas que se notam, e quem tambem affirme que não

são indifferentes as correntes aerias, mas nada d'isto assenta em bases seguras para uma orientação certa.

1) exemplo bazeado na pratica. — nm dos melhores mestres —, diz-nos que a arborisação chama as chuvas, e que estas são mais regulares e abundantes nos paizes cobertos de florestas do que nos despidos de arvoredo.

N'um dos districtos da Australia devastou-se uma floresta para aproveitar a madeira em construcções. As chuvas escassearam e faltaram em absoluto, fazendo de uma região fertil um campo escavelo. O governo inglez fez grandes plantações d'arvores e, passados alguns annos, as chuvas voltaram, os campos cobriram-se de verdura e a vida reapareceu n'aquella região.

É facto averiguado que as chuvas em Cabo Verde têm escasseado cada vez mais, na proporção da perda do seu arvoredo que, annualmente devastado, não é substituido. Arvores podem nascer pelos campos, sem o auxilio do homem e apenas lançadas pelo vento as sementes, mas os pequenos arbustos logo nascidos são devorados ou inutilizados pelo dente da cabra, animal damnhinho a que nada resiste e que abunda em todas as ilhas.

O archipelago estaria arborisado se nos ultimos vinte annos se houvesse prestado attenção a este assumpto, — que bem o merecia —, e promulgado providencias energicas; mas a iniciativa particular foi nulla e a do governo limitou se a nomear commissões para estudar tão magna questão e a mandar, de annos a annos, fazer plantações e sementeiras de purgueira. Aquellas nada fizeram, nada produziram e estas não vingaram ou por má orientação ou peor fiscalisação de quem as dirigia.

E, no entretanto, sabe-se que a purgueira semeada ou plantada em tempo proprio se desenvolve admiravelmente; cresce na covadade d'um rochedo encontrando lá um boccado de terra.

A decadencia de Cabo Verde não deve, porém, só attribuir-se á falta de arborisação e consequentemente á de chuvas.

Ha outras causas que, embora de menos vulto, reunidas não são para desprezar.

As contribuições são mal lançadas e peor distribuidas, porque as matrizes prediaes não estão feitas com criterio e não representam a expressão da verdade.

Ha erros que prejudicam o Estado, o grande e o pequeno proprietario: aquelle deixa de receber contribuição de muitas propriedades que não figuram nas matrizes e aquelles uns estão enormemente sobrecarregados e outros não pagam o que realmente deviam pagar.

A reforma das matrizes prediaes tem servido mais para anichar afillhados, que para zelar os interesses do Estado e repartir equitalivamente as contribuições.

O commercio desinha e lucra com difficuldades para saldar uma importação que é muito superior á exportação, entravada ainda com as pees que encontra no Reino para a entrada dos productos colonias.

É prohibida a exportação de moeda da colonia, o Banco Nacional Ultramarino não facilita transacções, a percentagem da remessa de dinheiro em vales do correo foi enormemente elevada, o milho, o assucar e a aguardente encontram no Reino direitos quasi prohibitivos. Resta apenas o café e a semente de purgueira, que podem exportar-se, mas sujeitos, ainda assim, a um elevadissimo frete estipulado por uma empresa de navegção que, omnipotente e sem concorrência, zomba do commercio ultramarino, desprezando todas as queixas e reclamações.

O gado, que é uma das principaes riquezas do ar-

chipelago e que começava a encaminhar-se para o sul d'Africa, não pôde exportar-se pelos fretes exorbitantes que exigem.

Tinha a provincia um mercado para gado, verduras, aves e sal nos portos da Senegambia Portuguesa e Franceza e em Gambia, para onde eram transportados pelos navios de cabotagem, que tinham permissão especial para ali irem com capitão habilitado para o longo curso.

Essa permissão, porém, foi revogada ultimamente, segundo consta porque era uma via aberta a grandes contrabandos.

As receitas publicas resentem-se de todo este estado de coisas, como é facil de prever. A cobrança de contribuições é difficil e sujeita a grandes falhas e o rendimento publico decresce.

Em resultado de todas as difficuldades e inconvenientes que acabámos de expôr, e que entravam as rodas do mechanismo economico e financeiro da provincia, pôde afoitamente dizer-se que não ha riqueza publica em Cabo Verde.

Para remover essas difficuldades carece a provincia de determinadas providencias e que o governo tome a iniciativa de algumas d'ellas, attendendo á inacção do elemento particular, que, por indole propria, pela acção do clima ou por outras circumstancias, não pôde ou não sabe lançar-se em grandes commettimentos.

A arborisação das ilhas apresenta-se em primeiro logar, estudando-se o solo de cada uma e investigando das familias que n'ellas melhor se possam desenvolver.

Como incitamento á iniciativa particular seria acertada medida estabelecer premios aos maiores plantadores, ou, melhor ainda, allivial os da contribuição predial, durante certo tempo e em proporção das arvores plantadas e vingadas nos seus terrenos, fornecendo-lhes sementes e estacas de viveiros, regularmente estabelecidos, vigiados e dirigidos por pessoa competente.

Nos terrenos baldios fazer-se essas sementeiras e plantações por conta do Estado, bñnindo d'elles a cabra, sob as mais rigorosas medidas.

A seguir vem a necessidade da construcção de estradas, de fórma a ligar o interior das ilhas com os seus principaes portos de mar.

Para estes dois grandes melhoramentos, que antepômós a quaesquer outros de que a provincia carece, poderia o governo levantar um emprestimo, unico meio de conseguir mais rapidamente a conclusão d'elles.

Necessaria é tambem a reforma das matrizes prediaes, zelosa, attenta e minuciosamente feita.

Com ella se conseguiria a equitativa distribuição dos impostos, alliviando-se os contribuintes sem perda de receita para o Estado.

A creação de um estabelecimento bancario, com todas as vantagens que deve trazer uma instituição d'esta ordem ao commercio, industria e agricultura do ultramar é indicada como complemento das medidas expostas.

A imprensa da metropole, a proposito de terminarem no anno de 1900, os privilegios do Banco Nacional Ultramarino, muito acertadamente desenvolve a idéa da creação de um banco para o ultramar, que possa contribuir para o seu desenvolvimento.

Impõe-se igualmente a redução dos fretes e passagens da Empreza Nacional, ou cedendo esta ante a justa reclamação do commercio e propostas do governo, ou não effectuando este o contracto de navegação para Africa, que acorrenta as colonias áquella empreza por quize annos.

N'este ultimo caso não ficaríamos sem navegação, porque não faltariam outras companhias nacionaes ou estrangeiras a vir fazel-a.

Finalmente era preciso que no Reino, estudada bem a questão do proteccionismo das pautas, para os generos coloniaes, se fixassem direitos para a entrada dos productos do ultramar de fórma a não os afugentar.

Muito havia ainda a dizer, consoante as necessidades da provincia, mas limitamo-nos a apresentar o que se nos affigura mais preciso e mais urgente para lhe modificar as condições de vida. O resto seria secundario, viria naturalmente nascendo a par com o desenvolvimento, a riqueza e a prosperidade de Cabo Verde.

A.

RESENHA NOTICIOSA

CIDADE DA PRAIA

A 16 e 17 de maio uma forte marezia, sem vento, importunou o porto da Praia, levantando grossas vagas.

Fez alguns estragos arrancando uns cibes da ponte-caes e da ponte da casa Serra e uma grade do caes S. Januario e arremessando á praia algumas pequenas embarcações e uma lancha do negociante sr. Paula Rosa, com carga de café e milho.

Foi uma das maiores marezias que temos presenciado e veiu fóra da epocha propria.

—A commissão que se constituiu para angariar meios para um asylo n'esta cidade, vae promover varias festas de caridade para esse fim.

—Chegou de Tarrafal o sr. Zeferino Lobo, que ficou fazendo serviço na Praia. Seguiu para S. Vicente o facultativo sr. Arnaldo de Mendonça, e para Lisboa o facultativo sr. Perdigão. Para a ilha do Fogo foi destacado o facultativo sr. Sousa, devendo regressar d'ali o sr. Bossuet.

—Seguiram para Lisboa os srs. Frederico Carvalho, Ernesto Soares de Andrade e Antonio Pedro da Costa.

—O calor vae começando e faz se sentir. Este e a marezia extemporanea dizem os bordas d'agua ser indicios de boas chuvas.

—Foram concedidos dois terrenos na praia contigua á alfandega, para ali construirem harracões aos srs. Julio Miniati e José Aberha.

Vae-se completando a linha de edificações entre a ponte-caes e a ponte fronteira ao ilheo, e tornando, por isso, cada vez mais necessaria, a construcção ali de uma cortina e aterro de praia, não só para embellezamento d'aquelle logar, como para mais facil fiscalisação aduaneira.

—Está aberto concurso pela camara municipal da Praia, para o fornecimento da illuminação da capital por meio de luz electrica.

E' um grande melhoramento que se levará a effeito, e pelo qual é digna de louvor a referida camara.

—No dia 1 teve logar a procissão de *Corpus Christi*.

Abrihantavam o couce da procissão a companhia de artilheria, e as corporações dos bombeiros voluntarios, municipaes e das obras publicas, levando á frente a sua banda.

Marchavam em pelotões com os seus commandantes á frente, apresentando um porte marcial digno de reparo.

—No dia 12 houve arraial a S. Antonio no jardim do hospital da Praia.

Estava vistosamente adornado e illuminado com balões venezianos. Ali tocava a musica e se reuniu muita gente, tendo sido passado um bocicado de noite agradável.

—No dia 11 foi o sr. governador, visitar a sala onde se acham já reunidos os productos com destino á exposiçào de Paris.

Ali foi recebido pela commissão central. Tocava no pateo a banda dos bombeiros das obras publicas.

Está a provincia muito bem representada tanto em productos de agricultura como de industria, e não ficaremos envergonhados no cantinho, que occuparemos na exposiçào de Paris.

—Esteve alguns dias no porto da Praia o transporte de guerra *Africa*, que seguiu directamente para Lisboa a 10.

—A canhoneira *Madory* foi com o capitão dos portos ás Ilhas do Fogo e Brava, afim de ali collocar umas boias n'alguns dos portos d'aquellas ilhas. Demorou-se n'esse serviço alguns dias, tendo regressado a 10 á Praia.

—Hoje, 13, ha a festividade de S. Antonio, com missa cantada e procissão da Saude, repetindo-se o arraial na cerca do hospital.